

**O legado da Copa do Mundo da Fifa 2014:  
intervenção criativa e movimentação social**

---

*Geane Alzamora* \*  
*Márcio Simeone Henriques* \*\*

1. INTRODUÇÃO.

**E**m junho de 2013 o Brasil assistiu a uma onda de protestos sem precedentes, que chamaram a atenção para os mais diversos aspectos de insatisfação, desde os mais gerais, até os mais específicos, deflagrados a partir das manifestações contra o aumento das passagens de ônibus na cidade de São Paulo. Sua extensão e repercussão, no entanto, consistiu num fenômeno sem par, sob influência das rápidas conexões por meio das redes sociais e forte reverberação midiática. A antevéspera da realização no país da Copa do Mundo de Futebol da FIFA, em 2014, e a véspera da realização da Copa das Confederações, em 2013, trouxe à tona, em meio a tantas causas e insatisfações, controvérsias acerca da realização desses certames e questionamentos acerca dos seus custos, econômicos, políticos, sociais e simbólicos, bem como acerca da real capacidade do país em dar conta das grandes exigências de um evento deste porte. Vários movimentos sociais vinham, há algum tempo, denunciando uma situação grave de violação de direitos justificada pelas excepcionalidades na realização da Copa. Foram constituídos nas cidades-sede comitês para atuar junto a segmentos da população atingidos e criada a Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa, ANCOP. Com o advento dos protestos, também essas questões foram para as ruas e ganharam força em sua expressão e, ao menos em cidades nas quais se realizava a Copa das Confederações, foram mesmo alçadas a um primeiro plano.

---

\* Profesora en el Departamento de Comunicación Social de la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

\*\* Profesor en el Departamento de Comunicación Social de la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

Além de tudo o que compõe o complexo fenômeno da emergência dessas manifestações, interessa-nos analisar mais de perto como esse processo trouxe à cena pública o questionamento acerca dos possíveis legados da Copa do Mundo. Um megaevento como esse, promovido por realizadores privados, só encontra efetividade com a aceitação e interveniência do poder público, inclusive com significativos aportes de infraestrutura. Tudo isso é justificado por um discurso oficial acerca do legado, que promete uma série de benefícios não redutíveis apenas à infraestrutura das cidades e do país, mas em várias áreas e também se reverte em benefícios simbólicos, como a agregação de valor à imagem do país e das cidades. De outro lado, os comitês populares buscaram problematizar esse legado, demonstrando diversas situações de violações de direitos a segmentos da população que ficaram vulneráveis em meio às iniciativas de promoção da Copa (como, por exemplo, o direito à moradia). Também foram importantes no sentido de denunciar as diversas excepcionalidades, até mesmo na gestão de recursos públicos, em função do evento e de instalar dúvidas quanto aos legados simbólicos da Copa, a serem conquistados em detrimento das garantias de direitos da população.

Desta forma, neste estudo procuramos compreender a controvérsia acerca do legado da Copa do Mundo de Futebol, tendo em vista que este é um megaevento totalizante, ou seja, ao qual nenhum brasileiro poderia ficar indiferente. Assim, em termos de opinião pública, é algo repleto de ambiguidades, em ambiente de alta emocionalidade. Os protestos de junho de 2013 foram uma oportunidade ímpar para que diversos segmentos da sociedade pudessem se expressar e colocar suas causas de modo não convencional. Despertaram-nos grande atenção a forma como o questionamento acerca dos legados da Copa do Mundo terminaram por se inserir nas pautas e de que modo as interações por meio das redes sociais digitais favoreceram certa organização da conversação. Dessa forma, buscamos compreender os embates discursivos a partir da posição pública dos movimentos que questionavam esse legado e realizamos uma exploração das *hashtags* #naoésópor20centavos e #copapraquem? no Twitter e no Facebook. De modo a evidenciar os embates discursivos, buscamos caracterizar especialmente a intervenção criativa nas conexões *online* e *offline*, bem como entender as influências dessa intervenção no processo de mobilização social que ganhou corpo naquele período.

## 2. A COPA DO MUNDO: UMA TOTALIDADE AMBÍGUA.

A Copa do Mundo é um acontecimento invulgar. Nem mesmo pode ser reduzido a um evento, mas a um complexo de acontecimentos que se expande

desde o ambiente onde se instala para alcançar dimensão global, o que é característico dos megaeventos na atualidade. Realizada no Brasil, um país onde o futebol não só é um esporte popular, mas fortemente enraizado em discursos sobre a identidade nacional (“país do futebol”), não é, obviamente, um megaevento qualquer. Porém, onde quer que aconteça, a Copa implica diretamente todo mundo, ou seja, ninguém, no país-sede pode ficar indiferente à sua realização, goste-se ou não de futebol, envolva-se ou não em seus aspectos polêmicos. Megaeventos desse porte e natureza tendem a gerar um clima emocional exacerbado e formar uma totalidade (uma espécie de “acontecimento total”). Assim, sua potência é imensurável e agrega muitos interesses comerciais, institucionais e políticos, tornados, assim, valiosos. Essa potência vem, portanto, de um poder generalizante sem igual em termos de opinião pública (talvez só equiparável em situações extraordinárias e extremas, como o esforço de guerra, por exemplo). Essa hiper-implicação - todos somos, de algum modo, afetados pela Copa, tanto em seus aspectos positivos como negativos - é extremamente pervasiva. Invade as conversações cotidianas, todo mundo comenta ou está pelo menos exposto aos comentários sobre a Copa e sobre vários dos aspectos que a cercam (muito para além do futebol), e afeta a vida das pessoas diretamente, mesmo aquelas que não estão nas cidades-sede. A Copa do Mundo é, portanto, uma oportunidade para fornecer aquilo que Gabriel Tarde (1992) definia como “ligação espiritual” entre as pessoas (tornadas públicas) e o faz de maneira muito significativa, por todo o imaginário complexo que ela envolve - tendo, é claro, como centro a disputa futebolística que mobiliza o próprio imaginário da nacionalidade.

Essa “totalidade”, contudo, não implica a inexistência de controvérsias e ausência de reações dos públicos. Este é um evento também singular porque mantém altos níveis de ambiguidade, principalmente em seus aspectos político-institucionais. E essa ambiguidade é, de certa forma, administrada estrategicamente pelos seus promotores e pelos que possuem interesses específicos nele. Esses interesses são publicizados e justificados como interesses gerais, que seriam capazes de envolver todo mundo e fazer funcionar um discurso público sobre a realização da Copa. As ambiguidades, apesar de serem fontes de controvérsia, não são necessariamente prejudiciais ao evento. Podem, ao mesmo tempo, atrair atenção para ele, potencializar sua visibilidade e seu poder de afetação. E quanto mais ambiguidades, menor a chance de criar uma situação “polarizada” em que se demonize decisivamente o evento e o coloque em risco. A ambiguidade gera os adversativos: “gosto da Copa, mas...”, “a Copa é boa, porém...”. Expressões como “a Copa foi danosa, *mas* a cidade ficou bem melhor depois dela” ou “a Copa é interessante, *mas* acabou com a cidade” podem ser igualmente válidas no jogo complexo da opinião pública no qual o evento está envolvido.

Dadas as características de totalidade e ambiguidade, parece ter havido em junho de 2013 um movimento reflexivo interessante, que permitiu certa confluência e o aproveitamento da oportunidade. Não terá a Copa se prestado a ser um catalisador de opiniões naquele momento, reforçando os sentimentos (mesmo que difusos) de indignação da população? Afinal, estava ali um evento (e a Copa das Confederações fornecia um momento representativo da Copa do Mundo em si) que poderia se relacionar a praticamente todos os aspectos da vida, propício, portanto, às generalizações e às manifestações contra "tudo isso que está aí". Além disso, em sentido geral, a crítica a aspectos mais proeminentes da Copa do Mundo oferece possibilidades de concordância independente de posições ideológicas muito distintas.

Não é fácil, contudo, contrapor-se a este evento em si mesmo e problematizar seus impactos sobre o país e sobre as cidades-sede. Para isso é necessário não apenas compor bons argumentos, estruturados nas melhores razões, mas também criar condições emocionais de enorme proporção. Opor-se pura e simplesmente à Copa, portanto, é extremamente difícil. Também em relação a aspectos particulares, como se pode gerar solidariedade com a população atingida pelos impactos do evento em termos de violação de seus direitos e em função das excepcionalidades que são instaladas com a sua realização? Exemplo disso verificado no Brasil é da população de rua em cidades-sede. Como construir algum apelo que sensibilize alguém mais além dos grupos que normalmente já se envolvem em sua causa, em seus dramas, em sua luta? Como transcender as circunstâncias particulares desse segmento para chegar à esfera genérica que envolve a Copa? Grupos mobilizados, minimamente organizados, prestam apoio e solidariedade, apoiam a denúncia e precisam se reforçar mutuamente neste momento, pelo menos entre si, para alcançar mesmo que resultados mínimos em prol dos que estão a sofrer algum dano ou injustiça. Mesmo um pouco de visibilidade nestes momentos pode garantir vidas em situação muito vulnerável. A problematização de impactos gerais e de danos específicos não é fácil, por serem muitos deles difusos e sempre permeados pela questão dos legados.

### 3. A COPA E SEU LEGADO.

Visto como a herança pós-evento, o legado costuma se referir mais estritamente nos discursos sobre a Copa como aquilo que uma vez produzido em prol da sua realização continuará disponível após a realização do megaevento. Por isso, a visão mais estreita se refere a ele mais como as intervenções urbanas, as grandes obras de construção ou reformas de vias,

estádios, aeroportos, sistemas de transporte público, aumento de infraestrutura turística e hoteleira, reurbanizações etc. Porém as heranças são muitas, pois podemos também nos referir a elas, sejam positivas ou negativas, até mesmo em termos simbólicos, e não apenas sob estes aspectos materiais que mudam as feições das cidades-sede e do país, mas a impactos sociais, políticos e ambientais que podem deixar marcas importantes. Os legados estão sujeitos a avaliações subjetivas e por possuírem ao mesmo tempo caráter tangível e intangível tem impactos difíceis de mensurar (Poynter, 2006; Preuss, 2008).

A Matriz de Programas da FIFA<sup>1</sup> se refere explicitamente (item 24) aos legados da seguinte forma: "Herança deixada aos Estados e cidades do que sediarão os jogos da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014, destinada a conceder determinado benefício e/ou vantagem econômica". O estudo "Brasil sustentável: impactos socioeconômicos da Copa do Mundo 2014", elaborado em 2010 pela empresa de auditoria Ernst & Young<sup>2</sup>, refere-se à necessidade de aproveitar os legados, considerados de três tipos: o físico, o institucional e o social: o legado físico refere-se às edificações e elementos de infraestrutura urbana (mobilidade, telecomunicações, aeroportos etc). O institucional é proporcionado pela experiência de gestão do megaevento, com um nível de articulação institucional incomum, trazendo um ganho em coordenação e na experiência de parceria com atores muito diferenciados. O social, por sua vez, é bem mais complexo e tem várias formas, segundo o discurso oficial. Cita o documento:

A melhoria da autoestima do povo que sedia a Copa, os ganhos com educação e capacitação que a experiência do Mundial e de empregos temporários proporciona, a inclusão social de jovens carentes e da terceira idade em função do Programa de Voluntariado, a inclusão por meio do esporte, as melhorias obtidas com os investimentos em segurança e saúde e a geração de renda causada pelo aumento da atividade econômica<sup>3</sup>.

A ideia de legado no caso da Copa tem, portanto, o sentido de algo que ultrapassa o evento e fica como marca positiva no país-sede e é um discurso útil para a composição da justificativa pública de um evento privado. Dentre todas as justificativas que são compostas, a de que as obras decorrentes ficarão para

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.mtnacopa.mt.gov.br>>. Acesso em: 13 Set. 2014.

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://www.secopa.ba.gov.br/sites/default/files/Brasil\\_Sustentavel\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_2014.pdf](http://www.secopa.ba.gov.br/sites/default/files/Brasil_Sustentavel_Copa_do_Mundo_2014.pdf)>. Acesso em: 13 Set. 2014.

<sup>3</sup> Idem.

usufruto futuro e melhoria da qualidade de vida na cidade é uma das que mais apela a uma razoabilidade dos públicos, afinal, não é o futebol em si e as paixões que move, mas as condições objetivas nas quais serão investidos recursos (principalmente públicos) e em nome das quais a população tem que conviver com grandes mudanças, especialmente as das cidades-sede. Daí decorre também o argumento de que mesmo que haja algum prejuízo a pessoas e grupos - que podem ser remediados - ao fim toda a cidade (e todo o país) sai ganhando. Além disso, também é vigoroso o argumento de que o país e as cidades ganharão um reforço substantivo em sua imagem e que a população elevará, assim, a sua autoestima.

O discurso de legado é um discurso forte, em certo sentido, porque tende a ressaltar que os benefícios são maiores que os custos. Não é fácil desmontar e desqualificar este tipo de discurso, nos seus termos específicos. Ainda mais porque esse mesmo discurso, posto em termos adversativos, reconhece que há um custo muito alto, há desvantagens, há prejuízos. No entanto, pode-se ao menos instalar alguma dúvida: "copa para quem?"; "copa sem povo, tô na rua de novo" foram algumas palavras de ordem que frequentaram as ruas e os embates discursivos nas mídias sociais.

#### 4. EMBATES DISCURSIVOS QUANTO AO LEGADO.

Uma exploração acerca do discurso emitido pelos movimentos organizados em função dos atingidos pela Copa do Mundo no Brasil (dez Comitês Populares e a Articulação Nacional desses comitês - a ANCOP) demonstra que todos enfatizaram desde sua constituição (em geral em 2010 e 2011) os problemas de violação de direitos (em termos mais específicos de conjuntos da população diretamente afetados) e em termos gerais pelas excepcionalidades jurídicas admitidas na Medida Provisória que criou um regime especial de licitações para a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 (aprovada em julho de 2011 no Congresso Nacional) e na Lei Geral da Copa, que ainda seria aprovada (em 05/06/2012). Sobre essa fase inicial, os manifestos identificam claramente essas questões e as propõem. Documento da ANCOP (naquele momento denominada "Articulação Popular Nacional pela garantia dos Direitos Humanos, no contexto dos Megaeventos") menciona que "o que assistimos em nome da realização destes Megaeventos Esportivos é a violação de direitos humanos e sociais" e aí aparece uma menção aos possíveis legados:

Até agora não é evidente que o legado da Copa e das Olimpíadas contribua minimamente para a inclusão social e ampliação de direitos

sociais, econômicos, culturais e ambientais. Ao contrário, a falta de diálogo e transparência dos investimentos aponta para a repetição do que ocorreu no período dos Jogos Panamericanos de 2007, quando assistimos ao desperdício de recursos públicos [...] e, tão ou mais grave, o abandono de todas as 'promessas' que geraram na sociedade, expectativas de algum "legado social"<sup>4</sup>.

De uma pauta composta de 9 pontos, uma delas é especificamente sobre o "legado social", colocada nos seguintes termos:

Legado social e Ampliação de direitos: O saldo final dos investimentos e políticas de incentivos praticados para viabilizar os megaeventos deve ser de um legado socio-urbano e socioambiental positivo para toda a sociedade de modo que sejam ampliados os direitos humanos, civis, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais Para tanto, deve ser construído um Plano de Compromisso em diálogo com as organizações não governamentais, movimentos sociais e comunidades afetadas.

Aqui se propõe, portanto, um sentido de "legado" diferente (e mais amplo) daquele usado no discurso justificador oficial (até mesmo colocando sob suspeita a relação custo-benefício). Ainda em 2011 a questão do legado aparece como repercussão à edição do *Le Monde Diplomatique Brasil* de setembro daquele ano<sup>5</sup>, sobre a Copa do Mundo. Por exemplo, pelo Comitê de Recife, em texto que aponta, inclusive, a ambiguidade na questão:

Observando o sentido do mundial futebolístico no Brasil, festejado em 2007, é difícil para o senso comum, apresentar uma leitura crítica sobre os reais impactos que esse megaevento pode trazer para o país. A Cultura simbólica de que o Brasil é o país do futebol, é uma imagem afirmativa que tenta aliviar as expressões das desigualdades. Em nosso país, faz parte do cotidiano viver o futebol, seja nos campinhos dos bairros, nas ruas da periferia, nas quadras com os futebol society ou na opção por torcer por um time estadual<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Disponível em:

<[http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=366&Itemid=279](http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=366&Itemid=279)>. Acesso em: 16 Set. 2014.

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://www.diplomatique.org.br/edicoes\\_antteriores\\_det.php?edicao=52](http://www.diplomatique.org.br/edicoes_antteriores_det.php?edicao=52)>. Acesso em: 14 Set. 2014.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://comitepopularpe.wordpress.com/2011/11/30/copa-do-mundo-de-qual-legado-se-esta-falando>>. Acesso em: 16 Set. 2014.

No período que segue, pouco se menciona diretamente a questão do legado (e praticamente não se usa essa palavra) nos principais manifestos, concentrando-se a questão nos problemas de direitos e especialmente quanto à moradia, com o problema das remoções para obras da Copa. Entre o final de 2011 e junho de 2012 a atenção se voltou para os diversos aspectos da Lei Geral da Copa. A posição aí tendeu a enfatizar com maior proeminência o problema das diversas excepcionalidades no ordenamento jurídico brasileiro e da soberania nacional. Isso está expresso na nota oficial da ANCOP de 06/12/2011: "Em nome dos negócios e dos lucros da entidade, percebemos uma relação de vassalagem política das nossas autoridades perante a FIFA, em prejuízo da nossa soberania, da legislação interna e dos interesses nacionais"<sup>7</sup>.

Uma vez aprovada a Lei Geral da Copa, aparecem muitos questionamentos sobre quem lucrará com a Copa em contraste com as populações que sofrem ou sofrerão algum prejuízo e sobre o elitismo do evento. É neste contexto que ganha força o *slogan* "Copa pra quem?", em vários atos públicos que são convocados em vários lugares, especialmente no final de 2012 quando do sorteio das chaves para a Copa. Assim começa o "Manifesto Copa pra quem":

Somos torcedores impedidos de ir ao estádio. Somos trabalhadores ambulantes impedidos de trabalhar. Somos moradores de favelas e ocupações despejados ou ameaçados de perder nossas casas. Somos sem terra e sem teto organizados em luta. Somos mulheres, somos crianças e adolescentes, somos LGBT e sofremos toda forma de violência e exploração sexual. Somos pobres, pretos, periféricos, e somos exterminados na calada da noite por um Estado terrorista. Somos o povo da rua, somos pessoas com sofrimento mental, somos trabalhadoras do sexo, expulsos do centro da cidade, internados compulsoriamente, presos sem condenação. Somos trabalhadores da construção civil, explorados e precarizados no nosso trabalho. Somos idosos e pessoas com deficiência discriminados. Somos cidadãos cujos impostos são desviados do orçamento público para o benefício particular de uns poucos. Somos jogadores e jogadoras de futebol e nossos campos de várzea foram tomados. Somos amantes do futebol. Somos 99% da população<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://comitepopulario.files.wordpress.com/2011/12/lei-geral-da-copa-nota-pc3bablica.pdf>>. Acesso em: 16 Set. 2014.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://comitepopularsp.wordpress.com/o-comite/about>>. Acesso em: 16 Set. 2014.



Note-se que as palavras "legado" ou "herança" não se encontram nesse manifesto e até então praticamente não entraram no vocabulário das notas e manifestos. O COPAC-BH, no manifesto que publicou em junho de 2013 (A Copa e a Cidade) iria questionar mais diretamente o discurso oficial do legado:

Os governos, nas três esferas –federal, estadual e municipal– têm elaborado documentos oficiais e peças publicitárias a fim de imprimir “otimismo” quanto ao legado que eventualmente estes megaeventos podem deixar para a sociedade. No entanto, as ações já postas em prática sinalizam um legado, na verdade, perverso: o aprofundamento da segregação social, acelerando a expulsão das populações pobres da cidade, através de remoções forçadas com indenizações vexatórias, e aumentando a repressão sobre as populações já tão exploradas e discriminadas em termos sociais, sexuais e étnicos<sup>9</sup>.

Uma nova mudança ocorre, assim, a partir de junho de 2013. Os movimentos reagem à "policização" no tratamento dado pelo Estado às manifestações de discordância e descontentamento. O impacto das jornadas de junho sobre os comitês pode ser visto no documento da Ancop publicado em junho de 2013, no calor das manifestações de rua (“Porque a Copa do Mundo pode ser diferente!”). Ali o movimento se associa claramente à bandeira do Tarifa Zero, posiciona-se contra a repressão às manifestações e pela liberdade de expressão para, em seguida posicionar a sua causa. Aí mesclam-se as bandeiras e convoca-se à adesão:

As mobilizações populares já conseguiram reduzir tarifas em várias cidades do país. Para nós, somente a luta popular poderá construir um novo modelo de inclusão e participação social, um novo modelo de cidade que resgata o direito de quem vive nela: o povo. Em união e respeito às lutas que se seguem, convocamos todos(as) e em todas as cidades do Brasil a se unirem no dia 30 de junho em uma grande mobilização no encerramento da Copa das Confederações para juntos na rua reivindicarmos: Copa pra Quem?<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://atingidoscopa2014.wordpress.com/textos-do-copac-bh>>. Acesso em: 16 Set. 2014.

<sup>10</sup> Disponível em: <[http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=427:dia-30-de-junho-junte-se-aos-atos-copa-pra-quem?](http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=427:dia-30-de-junho-junte-se-aos-atos-copa-pra-quem?)>. Acesso em: 16 Set. 2014.

Observa-se que o legado da Copa reaparece com mais força argumentativa com as manifestações de junho e seus desdobramentos. No período pós-jornadas, a Ancop mantém o #Copapraquem?. A discussão amplia-se para a questão dos megaeventos e coloca-se também em questão a candidatura de São Paulo para a Expo 2020. O site do Comitê do Rio de Janeiro publica em julho o Dossiê Megaeventos e Violações de Direitos Humanos no Rio de Janeiro - 2014. Neste, a referência ao legado da Copa questiona a noção oficial de "legado social" e põe também sob suspeita a importância e efetividade das obras<sup>11</sup>.

## 5. INTERVENÇÃO CRIATIVA DOS CIDADÃOS NOS EMBATES DISCURSIVOS *ONLINE* SOBRE A COPA DO MUNDO.

Os questionamentos acerca do legado da Copa no Brasil expandiram-se na forma de uma atmosfera social hostil à realização do megaevento, ainda que o futebol fosse uma paixão nacional. No contexto da eclosão das manifestações de junho de 2013, a série de manifestações simultâneas em várias cidades do Brasil, em especial nas cidades-sedes dos jogos, ganharam impulso durante a realização da Copa das Confederações. As interações nas mídias sociais da internet foram fatores importantes para marcar a entrada de certas pautas na cena dos protestos, incluindo a problematização dos legados da Copa. Exemplo disso é a postagem de um vídeo pelo Anonymous Brasil em 18 de junho no YouTube, propondo as chamadas “cinco causas”, como sugestão à concentração de pautas. Tendo mais de um milhão e duzentas mil visualizações em apenas dois dias, colocava como uma das causas a imediata investigação das obras realizadas no país para a Copa das Confederações de 2013 e para a Copa do Mundo de Futebol de 2014.

Os protestos caracterizaram-se por se processarem na interface porosa entre ruas e redes sociais online. As *hashtags*, típicas do Twitter, cumpriram a função de agenciar os manifestantes em torno de alguns temas prioritários, como é o caso de #copapraquem?, fortemente repetida pelos grupos que se opunham à realização dos jogos no Brasil, e #nãoé só por 20 centavos, em alusão à origem das manifestações em São Paulo, ocorridas em repúdio ao aumento das passagens urbanas naquela cidade. Assim, ainda que o legado da Copa não tenha aparecido inicialmente nos protestos, quando o tema da mobilidade urbana era dominante, aos poucos a desconfiança em relação aos benefícios do

---

<sup>11</sup> Disponível em:

<[https://comitepopulario.files.wordpress.com/2014/06/dossiecomiterio2014\\_web.pdf](https://comitepopulario.files.wordpress.com/2014/06/dossiecomiterio2014_web.pdf)>.

Acesso em: 16 Set. 2014.

megaevento para o país foi se tornando acentuada e reforçada em *hashtags* como #copapraquem?, #foraFIFA e #nãoovaitercopa, entre outras.

Embora os movimentos sociais tenham participado ativamente dos protestos brasileiros em 2013, como atestam as *hashtags* #nãoé só por 20 centavos e #copapraquem?, não devem, porém, ser rigorosamente compreendidos como articuladores dos protestos. Pelo contrário, predominou certo ideal de horizontalidade, expresso na ausência de líderes legitimados pelas ruas e na recusa a instâncias representativas da sociedade, como partidos políticos e imprensa. Por essa razão, preferimos abordar os protestos pelo viés da *movimentação social*, expressão com a qual buscamos dar conta da dinâmica fragmentada e pouco coesa de ações em rede, que tanto eram provenientes de grupos organizados, como os movimentos sociais, quanto de coletivos midialivrista e, principalmente, de cidadãos imbuídos de um sentimento difuso de indignação. A *movimentação social* que delineou os protestos de 2013 foi marcada por gestos individuais e coletivos de intervenção criativa inscritos na interface porosa entre ruas e redes sociais online e por embates discursivos que revelavam a profusão de pautas e reivindicações que permearam esses protestos.

Os embates discursivos foram mediados por *hashtags* que não apenas situavam os posicionamentos dos participantes nas redes sociais *online*, como também permeavam as ruas, na forma de cartazes e palavras de ordem. Trata-se de uma forma de intervenção social criativa que se manifesta nas interseções da rede *online* e *offline* as quais delinearão os protestos de 2013 no Brasil. Quanto mais as *hashtags* associavam os tópicos de interesse dos discursos nas redes sociais *online*, mais promoviam intercâmbios discursivos dispersos, uma vez que as *hashtags* operam como *links* indexáveis nos mecanismos de busca da internet. E, como a rede dos protestos mantinha uma face nas ruas e outras nas redes sociais *online*, as *hashtags* reproduzidas nos cartazes designavam também o assunto que mobilizava os manifestantes nas ruas. Ao retornarem às redes sociais *online*, na forma de registros cidadãos das ações nas ruas, crescia a relevância das *hashtags* como forma operadora da mobilização social nas ruas e da conversação *online*, bem como de síntese das questões publicamente expostas.

O processo de mobilização social foi, assim, impulsionado por ações participativas em conexões de redes sociais *online* com as ruas, como postagens, comentários e compartilhamentos. Este também é o caso dos eventos do Facebook, que agenciavam coletivamente a realização dos protestos nas ruas e operavam como plataforma de registros cidadãos das manifestações. Desse

modo, as redes sociais *online* operavam de modo a estender o alcance e a temporalidade dos eventos nas ruas, em dimensão sem precedentes.

As noções de público e multidão propostas por Gabriel Tarde em seu livro "A opinião e as massas", publicado originalmente em 1901, são interessantes para compreendermos a relação entre redes sociais *online* e ruas nos protestos brasileiros de 2013. De acordo com esse autor, público é uma coletividade puramente espiritual, composta por indivíduos fisicamente separados e cuja coesão é mental, enquanto multidão se refere a um feixe de contatos físicos. Ele explica que o "público é uma multidão dispersa, em que a influência dos espíritos uns sobre os outros tornou-se uma ação a distância cada vez maiores" (Tarde, 1992: 02).

Se pensarmos as redes sociais *online* como uma forma de multidão dispersa, as *hashtags*, assim como os eventos do Facebook, poderiam ser entendidas como formas de ação a distância que congregam o público dos protestos em tempos e espaços variados, ampliando a temporalidade dos protestos nas ruas e fornecendo alguns elementos do que Tarde chama de "ligação espiritual". Weissberg (2004) chama atenção para a coexistência de temporalidades variadas na conformação do híbrido território-rede comunicacional, que designa, conforme o autor, o compartilhamento simultâneo de vários lugares. Os eventos do Facebook, que convocavam os manifestantes para protestos simultâneos em várias cidades do país, configuram, assim, uma espécie de território-rede comunicacional no qual coexistem várias temporalidades, relacionadas tanto à convocação dos manifestantes para as ruas quanto aos registros em tempo real dos protestos e ainda às conversações posteriores sobre o tema.

As conexões entre redes sociais *online* e destas com as ruas não apenas dilatam a durabilidade dos protestos nas ruas como também conferem visibilidade instantânea e ampliada das ações nas ruas, por meio de postagens, comentários e compartilhamentos em tempo real. A visibilidade desses registros cresce na medida em que associações posteriores são feitas na rede, como se observa no uso de *hashtags* nas conversações *online* ou de mecanismos de buscas, de modo mais amplo. Interferem, desse modo, no curso político dos acontecimentos, uma vez que a "visibilidade midiática se tornou o fundamento pelo qual as lutas sociais e políticas são articuladas e se desenrolam" (Thompson, 2008: 37).

É o que se observa no caso de *hashtags* diretamente relacionadas ao tema do legado da Copa, como #copapraquem?. Quanto mais o público dos protestos indexava suas postagens, comentários e compartilhamentos com *hashtags* como

essa, mais contribuíam para ampliar sua relevância social. Foi assim que embates discursivos por meio de *hashtags*, como #vaitercopa e #nãovaitercopa, contribuiu para dar visibilidade às críticas ao legado da Copa. O mesmo se pode dizer da *hashtag* #vemprarua. A campanha "vem pra rua" desenvolvida pela agência Leo Burnett para a marca Fiat, que convidava os brasileiros a comemorarem nas ruas a Copa das Confederações, foi apropriada pelos manifestantes que denunciavam a realização dos jogos no Brasil<sup>12</sup>. Outro ponto importante a observar são as associações entre as *hashtags*. O fato de algumas dessas referências mais gerais às manifestações e seu conjunto de pautas - como #ogiganteacordou e #vemprarua - serem associadas às de mobilizações mais específicas - como #copapraquem? - indica uma influência recíproca entre o clima e as causas mais genéricas e as questões mais particularizadas. A partir de certo momento esses cruzamentos são crescentemente visíveis e muito intensos no período de auge das manifestações.

A dinâmica de conversação *online* frequentemente é marcada pelo uso social de *hashtags* e *links*, que tanto se referem a registros feitos por cidadãos nas ruas, por organizações midialivristas quanto pela imprensa tradicional, constituindo assim uma espécie de discurso intermídia. As conexões intermídia<sup>13</sup> fragmentam e reorganizam os textos, conforme os pontos de vista de quem efetua a postagem. Assim, tornam-se muito relevantes na forma como os manifestantes e seus públicos constroem suas opiniões acerca da realização da Copa do Mundo da FIFA e de seu legado no Brasil.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A movimentação em torno de uma amplitude de pautas dispersas ganha contornos mais específicos conforme os atores se movimentam e dão forma aos embates discursivos por meio de conexões intermídia. Fica evidente que as questões relativas à Copa do Mundo, por seu potencial de afetação e de associação a diversas outras pautas, foram importantes para canalizar diversos aspectos de insatisfação, produzindo um fenômeno de opinião pública de grande amplitude. No contexto dos protestos populares no Brasil em junho de 2013, problemas de violação de direitos humanos no âmbito da realização da Copa do Mundo foram reivindicados pelos movimentos sociais, que encontraram uma oportunidade de ampla divulgação, colocando sob suspeita de discursos oficiais

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.implantandomarketing.com/vemprarua-uma-feliz-coincidencia-para-a-marca>>. Acesso em: 14.Jan.2015.

<sup>13</sup> Sobre o assunto ver, por exemplo, WEINZ (2008).

sobre o legado do megaevento esportivo. Mas, além disso, esta questão forneceu elementos em torno dos quais poderiam ser agregadas diferentes agendas.

A lógica das mensagens compartilhadas expõe a dimensão pública do debate esboçado por meio das conexões em rede, em processo de contínua atualização, numa recontextualização permanente dos discursos. Isso, sem dúvida, representou oportunidade ímpar para os movimentos menos ou mais organizados que vinham colocando sob suspeita o legado do megaevento. Em suma, a atuação em rede, potencializada pelas conexões e interações nas redes sociais digitais, foi importante para dar forma à mobilização social de formas inovadoras, ao menos por quatro fatores: (a) a possibilidade de a própria conversação dar-se à vista de todos, permitindo visualizar os embates discursivos e a sua evolução; (b) o recurso a formas criativas de intervenção; (c) o acionamento de recursos intermediáticos e (d) o entrelaçamento das ações nas redes sociais *online* e nas ruas. Várias questões se abrem, assim, em relação às formas de ação coletiva e mobilização social na atualidade, especialmente em relação à constituição das agendas, à agregação dos atores e à formação da opinião pública. Por isso é importante que se dê atenção aos processos que impulsionam e redirecionam a mobilização social contemporânea.

## 7. REFERÊNCIAS.

Poynter, Gavin (2006). *From Beijing to bow bells: measuring the olympics effect*. London: East Research Institute.

Preuss, Holger (2008). Aspectos sociais dos megaeventos desportivos. In: RUBIO, Katia. *Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social*. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo.

Tarde, Gabriel de (1992). *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes.

Weissberg, Jean-Louis (2004). Paradoxos da teleinformática. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina.

Thompson, John (2008). A nova visibilidade. *MATRIZES*, São Paulo: USP, n.º. 2, abril, p. 15-38.

WENZ, Karen (2008). As formas intermediáticas em textos digitais. In: SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried (orgs). *Palavra e imagem nas mídias, um estudo intercultural*. Belém: Editora Universitária UFPA, p. 251-269.